

Communição lida na sessão de 23 de agosto na Academia
Brasileira e que será perpetuada na Revista da mesma.

DENTADA DE CRITICO

Remette Yvo do Val

Sr. Presidente

Affirmou eminente critico parisiense que a Academia Franceza era composta de sabios, politicos, diplomatas, generaes, notabilidades de varios quillates e até de homens de letras... Estamos com a nossa, que tem, ^{nesta casa} maior responsabilidade literaria do que a outra, pois é ^{taxativamente} de letras, quasi no mesmo ^{pe'} ~~grau~~. E, si continuarmos por veredas que, infelizmente, já temos trilhado, ficaremos peor.

Por isso, creio, os homens de letras têm, quando fazem parte desta casa, responsabilidade maior nos seus destinos literarios do que aquelles que para cá vieram escudados em outras obras que não as contidas em livros. Devem, portanto, da sua vida literaria amplas satisfações á Academia.

De mim, por exemplo, julgo poder assegurar que entrei para esta illustre companhia simples e unicamente pelos meus esforços de escriptor, os quaes não sei bem ainda si têm sido proveitosos e valiosos, ou não. Nunca fui e nem pretendo ser expoente de coisa alguma; não exercia cargo elevado da administração, ou da politica; não fazia reoar capitaes; não dirigia grandes empresas de jornaes diarios; nunca occupára uma pasta e, si passára pela politica federal do Ceará, fôra - como classificára um dos meus melhores inimigos intimos - qual um meteoro. Entre parenthesis: elle esquecera o complemento - um meteoro apagado. Desta sorte julgo do meu dever dar contas á Academia de accusações que me façam do ponto de vista da minha honestidade e consciencia de homem de letras, defendendo-me perante seus membros, meus illustres pares.

Recentemente, publicou o Instituto Historico e Geographico Brasileiro o 2º volume da Introdução Geral ao "DICCIONARIO HISTORICO, GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO do Brasil", commemorativo do Centenario, edição da Imprensa Nacional, datado de 1922. Lendo esse volume, prestei melhor attenção, o que é natural, á parte relativa ao Ceará. No capitulo sobre a literatura desse Estado, lá estou eu incluído, e commigo se gasta uma grande pagina. O trabalho é da lavra do sr. Antonio Salles, consocio do Instituto, salvo engano, embora sem obra historica e muito menos geographica de especie alguma. Pois bem, ^onotavel historiador e critico, sr. Antonio Salles, cujo nome tem um relevo excepcional no Brasil e no mundo,

faz alli, aos meus livros TERRA DE SOL, HERÓES E BANDIDOS, IDÉAS E PALAVRAS e PRAIAS E VARZEAS, critica miuda e um tanto impertinente. Nada tenho a oppôr-lhe, á critica propriamente dita, pois cada qual do alto de suas tamancas põe as manguihas de fóra e berra os seus dispausterios como quer e entende. Ninguem tolhe o jus esperneandi... E eu nunca respondi a criticqs. Toda a gente tem liberdade de achar bom, ou máu, isto, ou aquillo.

Mas nessa pagina ha affirmações que merecem repellidas. Diz, por exemplo, o grande cearense que o sr. Gustavo Barroso é escriptor curioso, "sem ser novellista nem poeta." Cita mais adiante o volume PRAIAS E VARZEAS. Ora, esta! então eu não sou novellista? E de que especie de trabalhos se compoem esse citado PRAIAS E VARZEAS, e mais MULA SEM CABEÇA, ou MOSQUITA=MUERTA, TA=RONDA=DOS=SE=GULOS, e as novellas e contos avulsos espalhados por jornaes e revistas? E tudo isso veio a lume muito antes de 1922, quando foi dado á publicidade o tomo do Instituto. Teve razão o sr. Salles num ponto: não sou poeta. Isto dóe-me muito, porque não tenho o prazer e a gloria de poder ser seu collega.

Trechos após, escreve elle: "Muito joven, não tendo nunca habitado o sertão." Esta affirmativa envolve a minha probidade de escriptor e eu a repillo com energia. Em que documentos se funda o sr. Salles para affirmar isso? Foi, por ventura, meu aio, ou meu amigo intimo, para acompanhar-me nos annos da primeira mocidade, quando frequentei continuamente o sertão e vivi a mesma vida dos matutos? Deixar passar sem resposta, em obra de Vulto como o DICCIONARIO do Instituto, uma affirmação tão falsa, ~~///~~ tão aerea, seria confessar que menti em todas aquellas paginas dos meus livros em que fale na primeira pessoa, pelo menos. O sr. Salles não tem o direito de dizer que eu estive, ou não estive, no Cairo, em ~~Malt~~, em Nazareth, ou no Egypto, sem dar prova disso. De contrario, eu o posso publicamente chamar mentiroso.

A minha indignação neste caso é semelhante á de Flaubert, por motivo analogo. Lembra-se das criticas que fez á ~~my~~ SALAMBO o leviano Froehner? Pois na ultima carta em que as pulverizou, dirigida ao sr. Guérault, director da OPINION NATIONALE, dizia o mago dos TROIS CONTES;

"Enfin, puisqu'il se mêle de ma biographie (comme si je m'inquiétais de la sienne!) en affirmant par deux fois (il le sait!) que j'ai été dix ans à écrire ~~my~~ SALAMBO, je lui avouerai que je ne suis pas bien sur, à présent, d'avoir ja-

mais été à Carthage."

Mutatis levemente mutandis, applico ao sr. Salles as palavras do Mestre e lembro-lhe mais que a SALAMBO^m merece a exclamação de saudade dos romanos Vivis! enquanto pelo sr. Froehner e sua critica pôde-se perguntar no mais puro dialecto cearense:

- Cadê?

O sr. Salles destróe a sua affirmação com uma frase sobre a genese do TERRA DE SOL, umas linhas além: "com o que pôde observar directamente". Ora, que artes de Satanaz! Como é que eu pude observar directamente, si nunca habitei o sertão?

Vou explicar o milagre. Pude, com effeito, observar directamente e observei, porque desde 1903 a 1909, de 15 a 21 annos, durante mais dum lustro, nunca mais deixei de passar dois, tres e quatro mezes, annualmente, no interior: Ora no sitio Nancy, do sr. Manoel Victor de Hollanda, em Guaramiranga, serra de Baturité, de onde sahia em excursões por aquella serra e sertões circun^m adjacentes do Cam^m nié, da Pedra Aguda, da Caridade e do Cangaty. Ora, no sitio hospitaleiro do meu primo coronel Licinio Nunes de Mello, a Jurucutuóca, o qual era base de peregrinações pela redondeza, da lagôa de Precabura ao Aguiraz, da Mecejana ao Eusebio. Ora, na fazenda do mesmo parente, Agua Boa, no fundo da chamada ribeira do Ceará, ao pé da serra dos Negros, e dessa ia eu ás serras do Joá, do Camará, ao Boqueirão da Arára, á Tucunduba, ao Suluminjuba, patria de Capistrano de Abreu, ao Lag^m eiro, ao Gigante, ás serranias e sertões proximos. Ora, na zona de Quixeramobim, nas fazendas importantes do meu padrinho Antonio Leal de Miranda, que faz pouco tempo publicou no JORNAL DO BRASIL pequena novella sertaneja, prefaciada por mim. Das suas terras do Condado, Cruxatú, Barra do Valentim e Lagôa, fui muitas vezes ao Taboleiro Grande, ao Egypto, ao Curral do Meio, ao Joá, ao Jiqui, aos notaveis campos do Oriá, percorrendo em grande extensão as duas margens dos rios Quixeramobim e Banabuiú. E as vezes que demorei em Maranguape, na casa de meu primo o vigario Vicente Salazar da Cunha, actual presidente da Assembléa Estadual; na da minha prima, a professora Maximina Cunha, mãe do poeta Quintino Cunha, no Baturité; e outras no Quixadá, na Aratanha, no Junco, em Aracajaba, etc?

Todas as pessoas que cito estão vivas e as localidades que aponto poder ser procuradas, na maioria, no DICCIONARIO HISTORICO E DESCRIPTIVO DO CEARÁ do Dr. Gurgel de Alencar, edição de Luiz Cholôviecki, Fortaleza, 1903. Acho que o sr. Salles não perdeu por esperar esta resposta. Agora, elle ficou sabendo bem

essa parte da minha biographia. A pena é que eu nada saiba da delle...

O critico sagaz, que em boa hora o Instituto arranjou é da raça dos chei-
Nopteros: morde e sopra. Aqui está a prova em relação ao TERRA DE SOL: "livro
vigoroso e bello, embora ~~sempre~~ ^{neu} sempre veridico." Porque? Outra affirmação no ar,
afim de armar ao effeito, e tão somente. Onde as inverdades? Quaes? Porque não as
aponta? Essa dentada do critico em von curar com o seu proprio pêlo. TERRA DE SOL
appareceu em 1912. A 25 de Agosto desse anno, na EPOCA, ^{do Rio,} o sr. Salles escrevia um
artigo sobre elle, artigo que ~~eu~~ não transcrevo na integra, porque é tão elogio-
so que me acanharia. Entre outras coisas, dizia elle as seguintes:

"O que vemos em TERRA DE SOL é a observação minuciosa da psychologia
dum povo, dos seus gestos e dos seus aspectos pittorescos, tudo isso enquadrado
por mão firme de um estudioso e com a elegancia dum artista no scenario physico,
pintado conscienciosa e desapaixonadamente.

Para um moço que está apenas começando a andar na vida do pensamento,
é este um phenomeno que toca ao prodigio, pois só aos espiritos amadurecidos no
estudo e formados na pratica da observação é dado ordinariamente conceber uma
obra deste feitio e armazenar para sua feitura este abundante material de factos
e documentos perfeitamente authenticos e proficentemente analysados á luz da um
seguro criterio scientifico."

Continua o sr. Salles neste tom os seus threnos elogiosos ~~em~~ ^{em} prosa. Nes-
sa epoca, para elle, TERRA DE SOL tinha seguro criterio scientifico, era uma flo-
ria, livro forte, encastador, empolgante, de paginas sadias, bello, sincero e ver-
dadeiro, com muitos pontos de admiração par d'assus le marché.

Completa ~~se~~ ^{se} hoje, mais dia, menos dia, onze annos que esse artigo foi
publicado. Levou muito tempo o critico para encontrar coisas inveridicas na obra
que elle proprio apregou perfeitamente authentica.

O sr. Salles parece que frequentou a escola de João Brígido, tão famo-
moso no jornalismo violento de Fortaleza. Esse fizera-me cartas, agradecendo-me
favores e chamando-me nomes maravilhosos. Depois, subi na politica do Estado e
elle zangou-se commigo. Começou a comparar-me com o diabo. Publiquei seus arti-
gos elogios. Replicou: mudei de opinião a seu respeito. Assim, o sr. Salles, Mu-
dou de opinião sobre TERRA DE SOL. Não é minha a culpa que demorasse tanto...

Diz ainda o sr. Salles, ~~com~~ ^{com} um cheirinho azêdo de ironia provinciana ou
melhor estadual: "Propondo-se evidentemente a substituir Euclýdes da Cunha." Que

mania e que modos indiscretos! Mette-se na minha vida intima e quer até adivinhar os meus intuitos. Nunca ~~de~~ tive, confesso com sinceridade, ~~tenção~~ de imitar esse immenso Euclides da Cunha. Ha certas coisas e ha certos homens que se não imitam. Daria em provas de cretinice, si quizesse tentar parecer com o que aquelle genio tinha de espontaneo e eminentemente seu. Sempre tive bastante orgulho pessoal para querer ser eu mesmo. Ademais, o modelo proposto é tão alto que me não abalancaria a tentar-lhe a escalada. Euclides da Cunha é inimitavel. Nunca, em livro, artigo ou discurso, demonstrei tamanha pretensão. Não ha palavra, ou gesto meus que autorize ~~A~~, ou B, a fazer essa affirmativa. ~~E~~ o que o sr. Salles visa, fazendo-o, não me attinge. Cae-lhe, antes, em cheio, sobre a face.

Foi o sr. Salles quem me propôz, *(em segundo lugar, e logo lamentase isto,)* aliás a substituir Euclides da Cunha.

Como a sua memoria é fraca, vou recordar-lhe o feito. Leia, no seu citado artigo de 1912, este pedacinho: "Silva Marques antecipou-se em proclamal-o candidato á vaga immensa que deixou nas nossas letras Euclides da Cunha e su lhe invejo á prioridade dessa justiceira asserção."

Para que guardar jornaes velhos? pensará com tristeza o sr. Salles...

Eu nunca me occupei, em revista, livro, ou jornal algum, da personalidade do sr. Antonio Salles, o maior genio assado no fôrno da Padaria Espiritual do Ceará! Nunca! Tenho merecido, no entanto, de Sua Eminência tiradas de perder o folego: esse dithyrambo da EPOCA, uma pagina e pico do DICCIONARIO DO INSTITUTO, umas mofinas bem interessantes, sob pseudonymo, num jornalzinho ignoto de Fortaleza, que viveu poucos dias e magros, o TACAPE, coisa de ~~da~~ pancada na gente, *(em periodo na "Revista do Brasil")* te, *(e ainda bem recentemente referencias num artigo, em folha do Ceará, sobre folk-lore e folk-loristas, no qual me faz a honra de pôr o meu humilde nome entre os de alguns formidandos catalogadores de trofas e glosas, de cujos trabalhos Lang, Bédier, Paris, Hoffmann-Kraye, morreriam de inveja, ou de riso...*

Tenho, pois, ao occupar-me delle pela primeira vez, e ultima, mais ainda - e derradeira! o grato ensejo de agradecer-lhe os reclamos, felicitando ao mesmo tempo ~~o~~ INSTITUTO HISTORICO pela optima escolha do critico da historia litteraria do Ceará, a quem confiou parte do seu notavel DICCIONARIO.

Não pretendo voltar ao assumpto, em terreno algum, contra o sr. Salles. Minha resposta é uma prestação de contas literarias aos meus collegas da Academia unicos juizes que admitto, e ficã definitivamente *(por uns motivos e não porque)* dada aqui, ~~não é que seja difficil penetrar no fundo e fins e criticas do citado senão que se apresenta a gellas publicas, mas é daquellas puçellas da Ode XIV do Livro III de Horacio.~~

ficil penetrar no fundo e fins da critica do citado senhor, ^{pl} ~~Essa~~ se apresenta ^{com} ~~geitos~~ pudicos, mas é daquellas pucellas da Ode XIV do Livro III de Horacio:

".....ET puellae
Jam virum expertae....."

J. Barrow